

### A MÍDIA E A VIOLÊNCIA: uma análise deontológica sobre a veiculação de imagens de violência no portal de notícias Seles Nafes<sup>1</sup>

Iannique Meneses GOMES<sup>2</sup>

Karla Gabriela SANTOS<sup>3</sup>

Tatiane Tavares Bezerra GOMES<sup>4</sup>

Paulo Vitor Giraldi PIRES<sup>5</sup>

Universidade Federal do Amapá, UNIFAP

#### RESUMO

Analisaremos neste artigo a veiculação de imagens de violência, divulgadas pelo site selesnafes.com em uma matéria de assassinato, no município de Mazagão em fevereiro de 2017. A Justificativa para o estudo é analisar se a questão ética foi empregada, associada à deontologia da profissão, bem como, o exercício da mesma, englobando a publicação repetida de uma imagem como efeito apelativo. Buscando compreender alguns questionamentos levantados no decorrer do artigo, sobre o interesse da população em casos de violência e até onde a ética prevalece nos dias de hoje aliada a prática deontológica na profissão do jornalista, a partir da abordagem jornalística empregada pelo site nesse crime. Os resultados esperados englobam conscientização dos cidadãos na busca por informações completas, sem a necessidade da veiculação exagerada das imagens das vítimas de violência, expostas pela empresa de mídia.

**PALAVRAS-CHAVE:** violência; ética; imagem; selesnafes; jornalismo

#### INTRODUÇÃO

Os casos de violência que são noticiados diariamente pela imprensa local por si só já chocam, em diversas ocorrências o acontecimento em si é repudiável. Certamente que gera impactos mesmo em quem é apenas um mero telespectador com grau de relação pequeno com a notícia.

O produto midiático analisado é o website selesnafes.com, criado em meados de 2013 pelo jornalista e ex-apresentador âncora do jornal Amapá da Rede Amazônica - Seles Nafes. Nesse portal de notícias, há cobertura de fatos do Amapá, distribuídos em editoriais diversos

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GT 3 – Análise de mídia, gestão e estratégias comunicacionais do II Comertec Jr., realizado de 14 a 16 de junho de 2018, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da da UNIFAP, email: [ianniquemeneses@gmail.com](mailto:ianniquemeneses@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da da UNIFAP, email: [santoskarla86@gmail.com](mailto:santoskarla86@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da da UNIFAP, email: [tatianetavares.b@gmail.com](mailto:tatianetavares.b@gmail.com)

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: [paulogiraldi2@gmail.com](mailto:paulogiraldi2@gmail.com)

tais como: polícia, política, economia, turismo, beleza, cultura e alguns fatos interessantes. Nota-se também um espaço para colunas escritas pelo próprio fundador e parceiros como, Manoel do Vale e Humberto Baía. O canal SNTV (seles nafes tv) é outra seção do portal selesnafes.com atribuída para exibição de vídeos, que podem ser compartilhados. Também é possível acompanhar algumas matérias publicadas no próprio site, por meio da rede social Facebook, de mesmo nome.

A matéria a ser analisada neste artigo foi publicada no dia 28 de fevereiro de 2017, diz respeito ao assassinato da técnica de enfermagem Eliana Maria Monteiro de Castro, 62 anos, que foi encontrada dentro de casa acorrentada e morta, após latrocínio, no município de Mazagão.

A polícia foi acionada por vizinhos da vítima na manhã do dia 27, em depoimentos, os mesmos relataram que viram homens invadindo a residência. Segundo resultados posteriores, a perícia médica da POLITEC constatou morte por asfixia. No decorrer de três meses, e com base em análises de câmeras de segurança, são presos dois homens acusados de assassina-la, um deles inclusive portava objeto pessoal da vítima no momento da prisão. Outros possíveis suspeitos que possam ter auxiliado no transporte do roubo não foram identificados.

Está presente uma linguagem jornalística do gênero informativo nas notícias publicadas sobre o crime e, gêneros opinativos nas crônicas e colunas apresentadas no site. O projeto gráfico visual do site possui elementos que geram desconforto devido a alternância das imagens, desviando a atenção dos leitores. Inclui publicidade, que surge tanto na lateral quanto na parte central das matérias.

Se tratando das matérias, o texto é aplicado na forma de pirâmide invertida, onde o importante é dito logo no início. Havendo também o uso repetitivo das fotografias impactantes, mostrando a cena sem tarjas a cada postagem de conteúdo com o desenvolvimento do caso, ao longo dos meses de Fevereiro até Maio de 2017. Dessa forma não pode ser desconsiderada a insensibilidade por parte da equipe jornalística, expondo a vítima de forma agressiva, chocante e apelativa com propósito de chamar atenção do leitor, desconsiderando o emprego do bom senso e ética.

Baseado nas informações cotidianas percebe que há o consenso de que imagens ou vídeos de cenas de violência, tragédias, mortes e etc, geram maior interesse no público, e especificamente a mídia na sua infinita série de propagar acontecimentos instantaneamente acaba por burlar o código de ética jornalística brasileiro para atrair leitores ou internautas.

Existe a necessidade de ressaltar a importância da ética jornalística aplicando a deontologia para fazer valer a credibilidade e seriedade da profissão, bem como, conscientizar que a informação se faz precisa sem deixar de lado a sensibilidade e humanidade. Quaisquer que sejam os meios de propagação da notícia todas as observações apresentadas, promovem questionamentos avaliados no decorrer do texto, dentre eles:

1. Culturalmente imagens ou vídeos de cenas violentas captam mais atenção do leitor do que as imagens neutras?
2. De que maneira se observa a espetacularização das matérias de violência?
3. De que forma ocorreu nas matérias publicadas pelo site o desrespeito em relação ao direito da vítima em ter a imagem e identidade preservada?
4. Até onde a ética prevalece aliada à prática da deontologia na profissão do jornalista?

Ao longo do artigo será feita uma análise de conteúdo sobre a veiculação das imagens de violência, as quais foram publicadas pelo portal já citado anteriormente, bem como, as quatro matérias que se seguem na averiguação do latrocínio, entre os meses de Fevereiro, Março, Abril e por fim Maio, com a prisão dos acusados.

Baseado nas observações cotidianas, a população se sente estimulada a leitura de uma notícia se a mesma possuir conteúdo de explícita violência, as quais podem ser compartilhadas para qualquer lugar e que qualquer pessoa pode ter acesso, por meio de recursos tecnológicos presentes no cotidiano, como as mídias digitais.

Visamos a partir da análise do produto midiático, interrogar se há necessidade desenfreada da veiculação de conteúdos desse tipo para a obtenção de visualizações, além de conscientizar a população através das observações expostas ao longo do estudo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A palavra ética é originária do grego "ethos" que quer dizer costume, hábito, modo de ser. A palavra deontologia tem sua origem no grego "deon, deontos" e "logos", dever e ciência respectivamente. Também chamada Teoria do Dever os seus princípios estão associados à moralidade, no caso a deontologia aplicada ao jornalismo, expressa o que é moralmente necessário a ser feito na profissão, em decorrência as escolhas do indivíduo como profissional da área de atuação.

O embasamento teórico abordará os autores estudados, conceitos vistos ao longo do curso de jornalismo e teorias da comunicação no decorrer das seguintes perguntas:

## 1.1 Culturalmente imagens ou vídeos de cenas violentas captam mais atenção do leitor

Na Idade Média eram recorrentes atos de barbárie como queimar pessoas em fogueiras, ainda vivas, para vê-los agonizando, enforcamentos, esquartejamentos, práticas estas vistas com entusiasmo e louvor pela comunidade. Posteriormente crucificações, torturas, chicotadas também faziam o mesmo efeito contemplativo, seja para ver o indivíduo sangrar até a morte, seja para excitação em ver o sofrimento alheio, ou por curiosidade e até mesmo vontade de fazer parte do momento.

É notório que o sadismo é uma manifestação muito comum. Existe nas pessoas uma estranha curiosidade em ver gente mutilada, acidentes e carros destruídos, em assistir o sofrimento dos outros, uma sensação de prazer macabro em poder sentir a destruição e a desgraça de semelhantes. Essa sensação é de natureza inconsciente. Ninguém conseguiu até hoje explicar convincentemente que processos estão por trás da mente humana que justifiquem essa estranha forma de prazer.[...] (FILHO, 1986, p.70)

Os instintos selvagens de seres correspondem a um estágio do inconsciente, precedido da civilização, para representar sua agressividade reprimida pela sociedade atual. Com o passar do tempo esses desejos por morticínios têm sido maiores, pois a tecnologia contribui para a propagação do conteúdo.

Uma provável explicação seja a necessidade de algo concreto por parte do leitor, devido à ausência contemplativa na ação, algo que possa ser de sua posse (imagem ou vídeo), a qual represente sua "participação" como telespectador no crime, já que as punições dos tempos medievais não são mais praticadas em público, ou seja, ver a cena do crime pode gerar a sensação de estar lá e suprimir a curiosidade de quem não estava presente na ocasião. Ter um meio audiovisual gera um impulso por repassar a notícia em primeira mão, sem questionar a veracidade por parte do internauta. Quem melhor para proporcionar essa conveniência do que as mídias sociais?

A fotografia exerceu de certa forma papel de conceder essa oportunidade, todavia com outro significado peculiar e intrigante de certo modo, tempos atrás era utilizada como maneira de retratar a lembrança de entes já falecidos, os famosos retratos de morte, era

comum na época vitoriana britânica. O costume sofreu alterações devido à cultura e comportamento da época vigente, todavia a vida tem sido banalizada.

Atualmente as pessoas se preocupam mais em fotografar a ação, por exemplo, o ato violento do assassinato, do que ajudar quem está sofrendo em decorrência daquela situação, nesse caso a família da vítima. Essas reações podem surgir por falta de empatia ou desconexão emocional com a vítima.

## 1.2 Espetacularização das matérias de violência

Nos noticiários e periódicos locais os casos de violência por si só chocam, em diversas ocorrências o acontecimento é repudiável, certamente que gera impactos, consequências, mesmo em quem é apenas um mero ouvinte ou telespectador com grau de relação pequeno com a notícia.

A princípio os noticiários cumprem a função de informar a comunidade deixando todos cientes do que os cercam no lugar em que residem. No entanto quando se trata de abordagem, desenvolvimento e apuração das informações para compor a notícia, são recorrentes os casos como acima citados, em que na abordagem e desenvolvimento falham.

Parecendo não serem suficientes às informações, muitos utilizam de recursos como: imagem da vítima (quando há) no momento da tragédia, vídeo gravados do local ou de palavras, termos apelativos na manchete (como na notícia do dia 28.02.2017 ao inserir a palavra “acorrentada”), linha de apoio e lead, que geram o questionamento a cerca daquilo que pode ser dispensável na composição das matérias.

No cenário atual pós-paradigma de Lasswell, teoria dos Usos e gratificações e teoria dos Efeitos limitados, *two step flow* ou: percepção seletiva (em que se considera o contexto onde a mensagem propaga-se, particularidades dos indivíduos e suas relações no meio social) o receptor possui participação não só ativa como significativa no processo de comunicação sendo assim o que se projeta é um círculo de comunicação constante. A ideia de percepção e recepção coletiva estimulada pelos *mass media* (meios de comunicação de massa) proposta pela teoria da Agulha hipodérmica tornou-se obsoleta.

Tanto que o jornalista e sociólogo Ciro Marcondes Filho sugere uma nova teoria da comunicação que seja proporcional e envolva os diversos contextos existentes na sociedade do século XXI, caracterizada pelo aparato tecnológico e as novas formas de mídia; as transmídias e sua facilidade de emitir e comunicar. “Para Marcondes Filho, comunicação é

algo que ocorre entre as pessoas, uma relação que se estabelece entre mim e você ou entre mim e uma coisa, e que depende mais da recepção do que da emissão;" (LINS, 2009, p.1).

O surgimento das já não tão recentes transmídias tem proporcionado até onde se pode observar a participação direta do receptor em dois momentos: quando a notícia é difundida ou sugerida pelo internauta e telespectador e quando os meios de comunicação mais tradicionais reservam durante a programação um espaço para participações ao vivo, recebendo comentários, vídeos e ligações, buscando promover um modelo mais interativo tão quão a internet. Formato que nos últimos anos com a popularização dos meios digitais tornou-se mais frequente.

A linguagem jornalística segundo conceitos de Roberta Scheibe (2013, p. 62-63) segue tanto relato do real através da discussão dos acontecimentos, quanto para leitura do real baseada na análise do cotidiano, a partir da observação. Comparando rapidamente a maneira como outros noticiários que também divulgaram o desenrolar do assassinato da senhora Eliana Castro, nota-se também o uso das imagens fortes revelando a situação em que a mesma foi encontrada pela polícia, quando que só em ler o texto já se entende em grande parte o ocorrido, todavia não há repetição da foto a vítima ao longo dos meses e sim dos suspeitos do crime. É dispensável expor repetidamente o corpo da finada enfermeira para relembrar o fato.

Acredita-se que hodiernamente, que não apenas a midiaticização como a exposição da violência de determinada forma em coberturas policiais, surgiu no estilo criado pelos próprios meios de comunicação com os programas "policialescos" que, fazem o agendamento do conteúdo transmitido à população - em destaque para a abordagem e a maneira como é repassado à informação - que por vezes diz respeito às vítimas de violência e o direito de ter a identidade preservada.

A semelhança ente o jornalismo impresso, televisivo, digital e radiofônico é evidente quando, além de uns serem precursores dos outros, levamos em consideração a construção da notícia pois "Segundo Weaver (1975/1993:296), as notícias de jornal e de televisão são semelhantes na 'utilização dos mesmos temas, fórmulas e símbolos, na construção de linhas de ação dramática que dão significado e identidade aos acontecimentos'" (TRAQUINA, 2013, p.48).

E a notícia postada no dia 28 de Fevereiro, a princípio para informar o fato de que: Eliana M. M. de Castro havia sido encontrada em casa pela polícia ( deitada de bruços, tendo uma sacola plástica em torno da cabeça e acorrentada pés e mãos, em um cômodo da casa já morta), tida como *hot news* (ou notícia quente, um acontecimento recente) quando deveria

conter apenas a informação é acrescida de dramaticidade ao conter além da notícia, fotos tiradas da vítima.

Traquina (2013) no livro Teorias do Jornalismo elenca ainda características que define a maneira de ver dos jornalistas e que influenciam no fazer jornalístico:

Como sublinha Paul Weaver (1975/1993), as notícias de imprensa e de televisão são semelhantes pelo fato de serem relatos melodramáticos. Existe entre os membros desta comunidade um gosto pelos detalhes mais espetaculares, um gosto pela retórica mais empolgante (o que não pode ser considerado como simplesmente sensacionalismo), um gosto pela polemica e pelo conflito (TRAQUINA, 2013, p.47).

O apelo aos recursos audiovisuais para garantir os detalhes espetaculares e construir narrativas dramáticas criam situações em que a pessoa vítima de violência é exposta intimamente e submetida a constrangimentos “exposição indevida de pessoa(s)”. E esses recursos são tão antigos nos programas típicos “policialescos” de tv (como define o “Guia de monitoramento de violações de direitos na mídia brasileira”), quanto na internet. A pesquisa presente no Guia compreende o rádio e a televisão, no entanto é possível encontrar aspectos semelhantes analisados, comparando a matéria no portal de notícias “Seles Nafes” e como a notícia foi feita.

### 1.3 O desrespeito em relação ao direito da vítima em ter a imagem e identidade excessivamente publicada

O jornalismo exerce o poder não apenas de veicular a notícia, mas também de informar e conscientizar. A veiculação de notícias sobre crimes não pode ser feita de maneira superficial, apenas relatando o ocorrido sem explicar as bases que compõe aquela situação, sendo então passível de uma má interpretação ou da absorção inadequada do que está sendo noticiado.

Diante de situações assim, existe a possibilidade de trazer juntamente a reportagem questões explicativas sobre, por exemplo, a violência. A violência é real e não deve ser deixada de ser mostrada, mas é necessário saber filtrar o que mostrar e em qual situação, assim como relacionar a algo que acrescente esclarecimento e que contribua para o entendimento da situação, não apenas exibir como um show aos telespectadores. “Informações tratadas como produtos ou mercadorias demonstram que, ao invés de informar,

contribuindo, assim, para a formação dos valores da sociedade, a mídia nada mais faz do que vender os seus espaços de propaganda” (MELLO, 2010, p. 110).

O site “Seles Nafes” ao invés de preservar a imagem da enfermeira, opta por expor de forma imprudente e sensacionalista, o conteúdo apelativo sem tarja de censura, disponibiliza também essa mesma imagem em zoom, ao longo da apuração dos autores do crime nos meses decorrentes em que há matéria sobre o desfecho do caso. “Para atrair o público, a mídia recorre ao sensacionalismo, reduzindo a realidade à mera condição de espetáculo”. (MELLO, 2010, p. 111)

A postura diante do ocorrido se apresentou de uma maneira a reforçar o ato de violência, transformando-o em uma atração diária para os jornais, sendo inclusive editada a filmagem de dois ângulos diferentes para apresentar uma maior percepção sobre o crime e a maneira como ocorreu. As imagens exibidas não traziam consigo a responsabilidade de contextualizar a violência, mas sim apenas o exibicionismo das mesmas. O foco era nitidamente a espetacularização do acontecido, algo feito com o único intuito de trazer audiência.

A manchete significativa e expressiva contendo a palavra “acorrentada” condiz à forma agonizante na qual a vítima faleceu, isso provoca surpresa por conseguinte curiosidade do internauta, desconsiderando a deontologia da profissão e contrariando a ética no jornalismo.” Desse modo, a exploração do espetáculo gera um sentimento de proximidade no público e faz com que esse se identifique com o personagem ou a situação que lhes está sendo mostrada”. (MELLO, 2010, p. 111).

#### **1.4 A ética aliada à prática deontológica na profissão do jornalista**

A liberdade de informação ao divulgar histórias, acontecimentos, fatos, situações exige um cuidado ao que será publicado como notícia, aí entra a deontologia. Profissionalmente a informação deve ser repassada para a sociedade, mas o bom senso deve ser levado em conta, e essa atitude parte do indivíduo, uma dose de ética profissional e pessoal tem que estar presente, a empatia se faz necessária para não extrapolar os limites da ética jornalística:

É verdade que a questão ética e deontológica traz uma série de problemas para o indivíduo em particular e a uma categoria em geral. No caso dos jornalistas, o profissional vê-se, muitas vezes, diante do problema da dupla



fidelidade: à sua consciência (ou ao seu esquema de valores e crenças) e ao veículo em que trabalha. Pode acontecer uma tensão irreconciliável, obrigando-o a tomar uma decisão que, muitas vezes, pode custar-lhe o emprego. (GOMES, 2006, p.90)

Jornalismo de qualidade deve apresentar informações completas, esclarecedoras e verdadeiras, pois tudo o que se publica corre o risco de ser repassado erroneamente e, essas informações podem interferir positivamente ou negativamente, quando ocorre prejudicando alguém, há uma inversão da ética.

Segundo Guimarães, (2003, p. 35) "[...] A informação jornalística é perecível. [...]". Sendo assim é preciso reaver porque o lucro visando interesses pessoais é levado em consideração no jornalismo, optando por deixar de lado a importância real da informação, dentre elas o da credibilidade, e o porquê da mesma se tornar segundo plano na produção de conteúdo, a ausência da reflexão põe em xeque a importância do jornalismo para a sociedade.

O Código de Ética do Jornalista Brasileiro afirma que é dever do jornalista, no capítulo II, Artigo 6º, Inciso VIII "respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão" (Código de Ética do Jornalista Brasileiro, 2007, p.1). Baseado no Código, a atitude da equipe jornalística, nesse caso, não foi ética cabendo uma discussão envolvendo a deontologia (ciência do dever e da obrigação) na prática da profissão.

## **Análise da Mídia - A Ética jornalística na veiculação da violência**

O portal de notícias, selesnafes.com apresenta o tema polícia como editoria inicial provavelmente para atrair o internauta, que por vezes se encontram matérias incompletas ou de abordagens superficiais, deixando o leitor/internauta sem exatidão de informações, apesar das citações de fontes oficiais, no caso das quatro matérias do presente artigo.

No decorrer das matérias, há contradições cronológicas relevantes e informações inexatas. Por exemplo: No mês de fevereiro afirmação foi que a vítima foi assassinada na segunda-feira 27, no mês posterior, 2 de Março, o site publica como sendo a data da morte dia 28. Na terceira matéria em 17 de Abril, retorna a afirmação da morte como sendo dia 27 de fevereiro, por fim na postagem de 3 de Maio, afirma ser na noite do dia 27. Não condizendo com dados explícitos pelo próprio autor, pois os vizinhos acionaram os policiais, às 9:20 da manhã do dia 27 de fevereiro.

De acordo com relatos de vizinhos havia três homens pulando o muro da residência e a câmeras de segurança, não se sabe de onde, pois ao longo das quatro matérias não é dada essa informação, apontam apenas dois suspeitos.

Em Março afirmou-se que um dos suspeitos era andarilho era viciado em drogas e ajudado pela vítima, na publicação de Maio esse dado esse que foi colocado como apurado em fevereiro.

Em relação aos objetos levados do imóvel, não fica claro quem fez a identificação dos mesmos inclusive no momento da prisão de um dos acusados. Só é possível ter essa informação ao ler outras matérias de outros sites, o que demonstra falha e desinteresse do site selesnafes.com na clareza de informações.

A legenda da primeira matéria afirma com exatidão a morte da enfermeira, contradizendo a própria matéria, já que consta que o laudo da POLITEC ainda não havia sido concluído, apenas suspeita de asfixia.

A vítima segundo a matéria de Março residia sozinha, fato duvidoso, pois a mesma no dia do crime estava sozinha, por ocasião dos filhos do casal estar com os pais, informação essa também exposta na matéria de Maio.

As Imagens como modo de prender o espectador pode ser associada às matérias e adquire uma função muito mais que ilustrativa o que se cria é uma relação intrínseca com credibilidade, veracidade e transparência, nos dias atuais noticiar algo em simultâneo com o fato e conseguir muito mais que informações comprobatórias se torna sinônimo desses três termos descritos acima.

[...] a imagem é suscetível de produzir três tipos de efeitos: um efeito de 'realidade', quando se presume que ela reporta diretamente o que surge no mundo; um efeito de 'ficção' [...]; um efeito de 'verdade', quando torna visível o que não era a olho nu (mapas, gráficos, macros e micro tomadas de imagem em close-up, que, ao mesmo tempo, desrealizam e fazem penetrar o universo oculto dos seres e dos objetos). (CHARADEAU, 2010, p. 110 – 111, grifo do autor)

Um aspecto a ser destacado da primeira matéria publicada no dia 28 de fevereiro assinada pela redação, é o título: "Enfermeira foi acorrentada antes de morrer" Não há no texto um desenvolvimento acerca do trecho "acorrentada antes de morrer" informações das fontes que afirmassem isso como a POLITEC.

A falta dessa informação no texto torna o que há no título apenas uma suposição pessoal. Um exemplo que nos remete perfeitamente ao *gatekeeper*, ou teoria da Ação Pessoal

que segundo Nelson Traquina (2013), quando “o processo de seleção é subjetivo e arbitrário;” referente a escolha do jornalista (*o gatekeeper*) a notícia está sujeita a subjetividade “e dependentes de juízo de valor baseadas no “conjunto de experiências, atitudes e expectativas do Gatekeeper” (TRAQUINA, 2013, p. 150, grifo do autor). Aparentemente as fotos da vítima da maneira que foi encontrada pela polícia suprimiriam a falta de informações precisas, porém criam mais suposições acerca da própria e de como o crime ocorreu.

Em todas as matérias publicadas há imagens da vítima e nas duas últimas, dos suspeitos. Na notícia de fevereiro junto ao texto há duas imagens, a primeira antecedendo o primeiro parágrafo fecha em close do que seria a vítima (a técnica de enfermagem Eliana M. M. de Castro) com as mãos amordaçadas e rosto encoberto por o que foi usado pelos assassinos para asfixia-la (uma sacola plástica e uma toalha) deitada no chão da cozinha em sua própria casa. Com a legenda “vítima foi morta por asfixia” A segunda em close aberto, isso é distante e que exhibe toda a vítima e outras áreas do local (a cozinha) também a retrata da mesma maneira com a legenda “vítima teve um saco plástico amarrado na cabeça”.

Com os desdobramentos do caso mais informações foram divulgadas e novamente as mesmas imagens da primeira matéria foram adicionadas no contexto do que foi notícia nos meses seguintes: 2 de março, 17 de abril e 8 de maio. As matérias “Polícia já tem suspeito de matar técnica em enfermagem”, “Acusado de matar técnica de enfermagem têm prisão decretada” e “Segundo acusado de matar técnica de enfermagem se entrega” respectivamente possui a mesma foto da enfermeira só que agora com a seguinte legenda “vítima foi torturado por bandidos que invadiram sua residência” e sem nenhum tratamento, edição, desfoque ou tarjas foi feito apenas um corte com enfoque nas mãos da mulher quando não abriam a matéria antes do primeiro parágrafo estavam no corpo do texto.

Embora exista uma tendência pública a clamar por notícias típicas da expressão “espreme que sai sangue”, até onde é possível o jornalista ir sem que isso possa ferir tanto as pessoas envolvidas naquele fato noticiado quanto os leitores? É de extrema importância saber até onde levar a notícia sem que aja extrapole o bom senso ou que se ultrapasse o respeito.

## Considerações Finais

O exercício do jornalismo carrega consigo o evidente dever em informar, porém existe de maneira clara, mesmo que diversas vezes ignorada, a responsabilidade entrelaçada a isso, principalmente em situações extremas, como casos envolvendo um conteúdo de origem violenta. A grande questão relacionada é justamente a opção feita na criação dos conteúdos

midiáticos, que por diversas vezes optam por repasse de imagens das pessoas colocadas em determinada situação de violência, inclusive, por diversas vezes, evidenciando a situação. A ética, e nesses casos não apenas a profissional, mas também a pessoal, é completamente ignorada, evidenciando as situações problemáticas em si, sem nenhum tipo de censura, no sentido de preservação da imagem daquelas pessoas inseridas naquele contexto, além do bem estar social.

Existe um grande apelo social a veiculação desse tipo de conteúdo, porém, sendo algo que cabe também no exercício do jornalismo, deve haver e a filtragem do que pode e deve ou não ser veiculado, até mesmo para evitar transtornos e exposições desnecessárias, além da insensibilidade com as pessoas que estão relacionadas ao ambiente de convívio social e familiar de quem está em posição de vítima. A necessidade da espetacularização e da sede por visualizações é, de maneira bem evidente nos conteúdos divulgados, algo que fala mais alto que a preservação da imagem de outrem.

Percebe-se que, mesmo havendo uma série de normas dentro do exercício da profissão do jornalista, a espetacularização de imagens, principalmente aquelas onde o indivíduo retratado nela está inserido em um contexto violento, ainda são extremamente recorrentes. Isso se deve não somente ao esquecimento da ética jornalística, mas também a tendência social ligada a esse fator, algo discutido no decorrer desta análise.

A sociedade busca e dissemina de maneira indiscriminada conteúdos do gênero, sem critérios de filtragem, sem colocar em foco questões como o respeito tanto pela vítima quanto por qualquer indivíduo que esteja direta ou indiretamente ligado aquele contexto.

Por diversas vezes, há em detrimento do conteúdo apurado e confirmado a publicação com especulações, sem confirmações e suposições feitas pela equipe do veículo midiático. Há contradições, além de fatos alterados. A grade questão é a priorização de publicar por publicar, sem haver uma real apuração dos acontecimentos, pondo em xeque a credibilidade da matéria e da empresa de mídia. Obviamente, algo essencial no jornalismo é justamente o repasse dos fatos, sem adulterações e publicações de informações confirmadas. A credibilidade do veículo cai não somente em detrimento da má estruturação do conteúdo, mas também na exposição indevida de material violento e desnecessário.

## REFERÊNCIAS

Bell B. **A perturbadora arte de fotografar mortos**, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/o/noticia/2016/06/a-perturbadora-arte-de-fotografar-mortos.html>. Acesso em: 27 abril 2018.

**Conceito de deontologia**, 2014. Disponível em <https://conceito.de/deontologia>. Acesso em: 27 abril 2018.

CHARADEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2. ed Tradução Angela S. M. Corrêa, São Paulo: Contexto, 2010. 285 p.

FILHO, Ciro Marcondes. **O que todo cidadão precisa saber sobre violência das massas no Brasil**. São Paulo: Global, 1986.

GHEDIN R. **Por que compartilhamos fotos e vídeos de gente morta?** Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/manualdousuario/compartilhar-fotos-gente-morta/>. Acesso em 25 abril 2018.

GOMES, Gilberto Pedro. **Filosofia e ética da Comunicação na Mídiação da Sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

GUIMARÃES, Luciano. **As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2003.

LINS, Paula. Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria. **Temática**, [S.l.]: ano 5, n. 07, jul. 2009. Disponível em: <[http://www.insite.pro.br/2009/Julho/comunicação\\_marcondes\\_filho\\_lins.pdf](http://www.insite.pro.br/2009/Julho/comunicação_marcondes_filho_lins.pdf)>. Acesso em: 24 maio 2018.

MELLO, Carla. *Mídia e Crime: liberdade de informação jornalística e presunção de inocência*, 2010, 17f, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

Equipe do Seles Nafes. Disponível em: <https://selesnafes.com/equipe/> acesso em: 27 de abril, 2018.  
Enfermeira foi acorrentada antes de morrer. Disponível em: <https://selesnafes.com/2017/02/enfermeira-foi-acorrentada-antes-de-morrer/> acesso em: 27 de Abril, 2018.

Polícia já tem suspeitos de matar técnica em enfermagem. Disponível em: <https://selesnafes.com/2017/03/policia-ja-tem-suspeito-de-matar-tecnica-em-enfermagem/> acesso em: 27 de Abril, 2018.

Acusados de matar enfermeira tem prisão decretada. Disponível em: <https://selesnafes.com/2017/04/acusados-de-matar-tecnica-de-enfermagem-tem-prisao-decretada/> acesso em: 27 de Abril, 2018.

Enfermeira morta no Mazagão Novo. Disponível em: <https://selesnafes.com/?s=Enfermeira+morta+no+Mazagão> acesso em: 27 de Abril, 2018.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2. ed. Porto: 2006. p.763. disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>>.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2013. 244 p.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 3. ed. Florianópolis. Insular, 2013. p. 148.

VAREJÃO, Suzana. **Guia de monitoramento de violações de direitos**. Brasília: ANDI, 2016. v. 3, 148 p.